

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Camila Machado Ribeiro

**O COTIDIANO DE IDOSOS RESIDENTES EM INSTITUIÇÕES DE
LONGA PERMANÊNCIA: A PERCEPÇÃO DOS GESTORES**

Santa Maria, RS

2019

Camila Machado Ribeiro

**O COTIDIANO DE IDOSOS RESIDENTES EM
INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA: A
PERCEPÇÃO DOS GESTORES**

Trabalho de Conclusão de Curso II,
apresentado ao curso de Graduação em
Terapia Ocupacional da Universidade Federal
de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para obtenção do grau de **Bacharel em
Terapia Ocupacional**

ORIENTADOR: Prof.^a Dr.^a Kayla Araújo Ximenes Aguiar Palma

Santa Maria, RS

2019

Camila Machado Ribeiro

**O COTIDIANO DE IDOSOS RESIDENTES EM INSTITUIÇÕES DE LONGA
PERMANÊNCIA: A PERCEPÇÃO DOS GESTORES**

Trabalho de Conclusão de Curso II,
apresentado ao curso de Graduação em
Terapia Ocupacional da Universidade Federal
de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para obtenção do grau de **Bacharel em
Terapia Ocupacional**

COMISSÃO EXAMINADORA

Kayla Araújo Ximenes Aguiar Palma, Dr.^a. (UFSM)
(Presidente / Orientador)

Prof.^a Andreisi Carbone Anversa (UFSM)

Santa Maria, RS
12 de Julho de 2019

AGRADECIMENTOS

A conclusão de um curso de graduação só é possível em virtude da dedicação e parceria de diferentes pessoas. Deste modo, se faz indispensável, neste momento, o meu agradecimento a todos que direta ou indiretamente contribuíram com este trabalho.

À Deus primeiramente, pela minha vida, pelo amparo e proteção e por me dar forças para superar todos os obstáculos, até o presente momento.

À minha mãe, Marlene Müller Machado, pelo amor incondicional e por nunca ter medido esforços para que eu concretizasse todos os meus sonhos.

Às minhas irmãs, Daiana Machado e Giovana Durigon, por estarem ao meu lado em todas as etapas da minha vida e serem minhas melhores amigas.

Ao meu namorado, Cássio Mello Portella, por todo amor, carinho, incentivo e apoio.

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Kayla Araújo Ximenes Aguiar Palma, por ter abraçado a minha ideia e ter sido tão paciente durante esse percurso. Além de sempre ter sido motivo de inspiração diante do amor, dedicação e profissionalismo na Terapia Ocupacional.

À banca examinadora, Prof^a Andreisi Carbone Anversa por gentilmente ter aceito o convite para participar deste momento importante na minha trajetória acadêmica e por contribuir com a pesquisa.

RESUMO

O COTIDIANO DE IDOSOS RESIDENTES EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA: A PERCEPÇÃO DOS GESTORES

The daily life of elderly people living in Long-Term Institutions: The manager's perception

A população idosa vem apresentando um aumento significativo a cada ano, e conseqüentemente há um crescente de novos desafios. A mudança no cenário familiar, as dificuldades culturais e socioeconômicas relacionadas a pessoa idosa e seus cuidadores, bem como a necessidade de cuidados adequados voltados a esse público, são fatores que condicionam o surgimento das chamadas Instituições de Longa Permanência. Contudo alguns locais ainda não dispõem de ações que priorizem a construção de um cotidiano que respeite a singularidade do idoso asilado. Desta forma, o seguinte estudo teve como objetivo compreender a percepção do cotidiano de idosos institucionalizados sob a ótica do gestor institucional, afim de perceber qual a real compreensão e preocupação acerca das demandas de seus residentes, além das ações sugeridas e realizadas na instituição, que venham a proporcionar uma melhor qualidade de vida em um ambiente significativo e saudável. Para tanto, fez-se uso de uma metodologia com abordagem qualitativa, baseada na análise do discurso, através de uma coleta contendo uma ficha sociodemográfica e uma entrevista semi-estruturada, envolvendo três eixos centrais: cotidiano, influência da institucionalização, ações desenvolvidas na instituição. Ao fim, percebeu-se que apesar de ainda haver algumas questões a serem repensados no contexto asilar, pode-se observar através dos discursos que há uma mudança no cenário da instituição, um novo olhar sobre o idoso e seu cotidiano, uma vez que as gestoras estão mais atentas e preocupadas em implantar práticas que respeitem a especificidade da experiência de cada indivíduo criando um espaço de amparo e aconchego para os idosos

Palavras- Chave: *Idosos. Instituições de longa Permanência. Cotidiano*

ABSTRACT

The elderly population is showing a significant increase each year, and consequently there are a growing number of new challenges. The changes in the family scenario, the cultural and socioeconomic difficulties related to the elderly and their caregivers, as well as the need for appropriate care directed to this public, are factors that condition the emergence of the so-called Long Stay Institutions. However some places still do not have actions that prioritize the construction of a daily life that respects the uniqueness of the elderly asylee. Thus, the objective of this study was to understand the daily perception of institutionalized elderly people from the perspective of the institutional manager, in order to understand the real understanding and concern about the demands of their residents, as well as the actions suggested and carried out at the institution. will provide a better quality of life in a meaningful and healthy environment. To do so, a methodology was used with a qualitative approach, based on discourse analysis, through a collection containing a sociodemographic record and a semi-structured interview, involving three central axes: everyday, influence of institutionalization, actions developed in the institution . At the end, it was noticed that although there are still some questions to be rethought in the asylum context, it can be observed through the speeches that there is a change in the setting of the institution, a new look at the elderly and their daily life, since the managers are more attentive and concerned to implant practices that respect the specificity of the experience of each individual creating a space of shelter and warmth for the elderly.

Keywords: *Elderly. Long-Term Institution. Daily.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	METODOLOGIA	10
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	11
	3.1 COMPREENSÃO ACERCA DO COTIDIANO DOS RESIDENTES	12
	3.3 INFLUÊNCIA INSTITUCIONAL.....	14
	3.4 AÇÕES DESENVOLVIDAS PELA INSTITUIÇÃO.....	17
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas têm-se presenciado maior preocupação em estudar e compreender, de forma mais intensa, o processo de envelhecimento e suas implicações, sejam individuais e/ou sociopolíticas. Tal fato justifica-se, pois, no Brasil, bem como em todo o mundo, o envelhecimento populacional ocorre de maneira abrupta e rápida. A mudança demográfica com o aumento significativo de idosos iniciou-se em países desenvolvidos e tem constituído, contemporaneamente, um dos maiores desafios para saúde pública, principalmente em países subdesenvolvidos que ainda apresentam situações de pobreza e desigualdades sociais.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais. O Brasil tem mais de 28 milhões de pessoas nessa faixa etária, número que representa 13% da população do país. E esse percentual tende a dobrar nas próximas décadas, como aponta a Projeção da População, do IBGE, atualizada em 2018. Segundo a pesquisa, em 2043, um quarto da população deverá ter mais de 60 anos, enquanto a proporção de jovens até 14 anos será de apenas 16,3%. Esse processo pode ser observado graficamente pelas mudanças no formato da pirâmide etária ao longo dos anos, que segue a tendência mundial de estreitamento da base (menos crianças e jovens) e alargamento do corpo (adultos) e topo (idosos).

Pesquisas apontam que as principais causas para essa tendência de envelhecimento seriam o menor número de nascimentos a cada ano, ou seja, a queda da taxa de fecundidade, além do aumento da expectativa de vida do brasileiro. Segundo as Tábuas Completas de Mortalidade, do IBGE, quem nasceu no Brasil em 2017 pode chegar, em média, a 76 anos de vida. Na projeção, quem nascer em 2060 poderá chegar a 81 anos. (IBGE, 2018)

Portanto, devemos considerar as consequências do aumento da proporção de idosos, a longevidade da população, as dificuldades culturais e socioeconômicas relacionadas à pessoa idosa como também, a seus cuidadores informais, que se configuram como familiares, amigos vizinhos que não recebem qualquer tipo de remuneração pelos serviços prestados, tratando-se de uma prestação direta dos serviços de apoio às atividades de vida diária (FIGUEIREDO, 2007). Ou mesmo, considerar a carência de um cuidador domiciliar, também conhecido como cuidador formal, que se trata daqueles que prestam cuidados no domicílio com remuneração e com poder decisivo reduzido, cumprindo tarefas delegadas pela família ou pelos profissionais de saúde que orientam o cuidado (FIGUEIREDO 2007). Além destes, apresenta-se também determinantes para a institucionalização, fatores como: comprometimento da saúde do idoso e da família, a redução do tamanho das famílias, a crescente participação da mulher - tradicional

cuidadora - no mercado de trabalho, a falta de tempo na vida atual, e os conflitos familiares advindos da sobrecarga, fazem com que a demanda por Instituição de Longa Permanência para Idosos seja crescente, sendo vista assim, como uma das alternativas mais eficazes e viáveis de cuidados não-familiares existentes, sejam elas de caráter públicas ou privadas.

A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) adotou a expressão “Instituições de Longa Permanência para Idosos” (ILPI) o correspondente a *Long Term Care Institution*, para designar esse tipo de instituição. Define como “estabelecimentos para atendimento integral institucional, cujo público alvo são pessoas de 60 anos ou mais, dependentes ou independentes, que não dispõem de condições para permanecer com a família ou em seu domicílio” (SOCIEDADE, 2002-2003, p. 3).

Estes locais têm a missão de proporcionar boa qualidade de vida à população idosa, muitas vezes não garantida em seu ambiente familiar, entretanto a garantia do bem-estar dessa população não é apenas manter o indivíduo idoso longe de riscos à sua saúde e sim proporcionar uma vida ativa e digna, mantendo-o inserido no mundo.

Apesar de ser reconhecido como um espaço de cuidado e amparo, é necessário ressaltar que a institucionalização de idosos, poderá desencadear um processo crônico de perda de autonomia, isolamento, adoecimento, perda de funções motoras, sociais, etc. (FERREIRA, & YOSHITOME, 2010).

Em determinados casos o processo de institucionalização pode ocasionar uma espécie de desvalorização, de algumas necessidades fundamentais na vida do idoso, por sugerir que o importante na qualidade de vida daquele sujeito limita-se as prioridades fisiológicas do ser humano, remetendo assim a possível negligência das necessidades sociais, cognitivas e afetivas do residente.

Deste modo, o seguinte estudo tem como objetivo buscar compreender de forma mais aprofundada, como se desenvolve a construção do cotidiano do sujeito a partir do momento de sua chegada a instituição, bem como a visão e as abordagens adotadas pela instituição para melhor gerir e garantir um atendimento completo, no sentido de acolher com qualidade não só o idoso da atualidade, como também de gerações futuras, em uma instituição que vislumbre o completo bem estar desta população.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de uma investigação pautada em uma abordagem qualitativa de cunho narrativo, em virtude de ser a que melhor se aplica as demandas do projeto, compreendendo e contemplando seu objeto de estudo, visto que “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT e SILVEIRA ET AL, P.31).

Os dados foram coletados em Instituições de Longa Permanência, no município de Santa Maria, RS, uma de caráter pública e outra privada, sendo alvos das pesquisa sujeitos de ambos os sexos, que ocupassem o cargo de gestores ou técnicos administrativos dentro da instituição onde foi realizada a pesquisa, que aceitaram participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Inicialmente foi realizado um contato telefônico e por endereço eletrônico com as ILPI's, para a apresentação do projeto, esclarecendo possíveis dúvidas e a fim de ter o consentimento na participação da pesquisa, através de uma autorização institucional.

Em um segundo momento, após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa, foi agendado previamente o contato, de forma individual, com cada entrevistado, sugerindo uma entrevista com a duração média de 45 minutos, que seria realizada e conduzida pelo próprio pesquisador.

O levantamento de dados se deu através de uma ficha sociodemográfica e uma entrevista semi-estruturada contendo cinco perguntas abertas envolvendo três eixos centrais: cotidiano, influência da institucionalização e ações desenvolvidas na instituição. Bauer e Jovchelovitch (2010 apud BAUER e GASKELL, 2010, p. 103) afirmam que “as narrativas revelam as diversas perspectivas dos informantes sobre acontecimentos e sobre si mesmos. (...)”. Além disso, uma entrevista pode percorrer várias sequências de narração e subsequente questionamento, permitindo assim, um processo de auto-reflexão sobre o tema abordado. Na medida em que possibilitamos a esses sujeitos uma retomada de suas vidas profissionais, o que pode levá-los a convertê-las em objeto de auto-reflexão, podendo assim, significá-las e transformá-las (HUBERMAN, 1998; MCEWAN; 1998; ISAIA, 2005, 2008 apud ISAIA, 2010, p.20).

Tanto a instituição quanto os sujeitos da pesquisa foram informados sobre conteúdo do estudo, e sobre os possíveis benefícios que poderá se obter após o resultado da pesquisa. Os sujeitos da pesquisa assinaram duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido disponibilizados pela pesquisadora, o que garantirá que os dados coletados serão usados somente para a realização da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas em Julho de 2019 e tiveram duração média de 30 minutos. Os dados foram analisados por meio da Análise Textual Discursiva (MORAES, R.; GALIAZZI, M. C., pg. 118, 2006). Também foi construído um perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa.

Ao final da pesquisa, as conclusões geradas em decorrência dos dados obtidos pelo pesquisador, deverão ser ofertados e disponibilizados para equipe de profissionais das instituições, a fim de explicar sobre os resultados proporcionando uma devolutiva com reflexões, além de fornecer esclarecimentos e sugerir possíveis ações para uma melhoria no cotidiano asilar e no bem-estar dos idosos residentes das instituições participantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa duas gestoras de instituições de longa permanência para idosos, uma de âmbito privado e outra de âmbito público.

A primeira ILPI é uma instituição privada, que é dividida em duas casas, sendo que uma delas tem capacidade para acolher aproximadamente 30 idosos, sendo estes de ambos os sexos, e a segunda possui capacidade para receber em média 15 idosos, sendo aceitas somente moradoras do sexo feminino. A instituição conta com profissionais da Psicologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Enfermagem e técnicos em enfermagem, além de estágios curriculares de cursos da área da saúde das universidades do município.

A segunda instituição trata-se de uma instituição filantrópica que atualmente acolhe cerca de 174 idosas, tendo capacidade para receber aproximadamente 200 idosas. Conta com uma equipe multiprofissional e um quadro de voluntários e estágios curriculares do município de Santa Maria.

A fim de mostrar os dados encontrados e manter sigilo quanto a identidade dos sujeitos foi estabelecida a seguinte categorização, a qual foi estabelecida uma letra e um número para cada entrevistado, da seguinte forma: Gestor da instituição privada (G1) e gestor da instituição pública (G2).

Em relação as variáveis relacionadas ao perfil sociodemográfico dos gestores de casas geriátricas, que participaram da pesquisa, obtivemos os seguintes dados:

Ambas as entrevistadas são do sexo feminino, com a faixa etária entre 28 e 53 anos de idade, quanto a escolaridade ambas possuíam ensino superior completo, a primeira com formação em Fisioterapia e segunda em Direito e atualmente encarregam-se exclusivamente do cargo de gestoras institucionais, o tempo de experiência de gestão na atual casa geriátrica foi de 4 anos de uma e 7 meses da outra. As duas entrevistadas relataram que esta é a primeira e

única experiência frente ao cargo gerencial. Nenhuma delas realizou cursos de formação na área do envelhecimento.

A partir da análise do discurso dos entrevistados, estabeleceu-se três categorias, sendo elas:

3.1 COMPREENSÃO ACERCA DO COTIDIANO DOS RESIDENTES

A cotidianidade é desenvolvida do nascimento a maturidade, quando gradativamente assimila-se a manipulação das coisas, a realização das tarefas diárias e as dinâmicas das relações sociais. Ao longo da vida, atividades variadas assumem papel importante, para serem mais tarde, descartadas ou modificadas. A cotidianidade varia conforme o contexto, isto é, varia conforme a classe social, os laços culturais, o gênero, a idade. (CARVALHO, 2000).

A vida cotidiana, portanto, pode ser entendida como o centro real da práxis, onde se realiza o movimento de produção e de reprodução das relações sociais, onde se dá a produção do ser humano, no curso de seu desenvolvimento histórico (LIMA, 1983, p.43)

Ao falar do cotidiano de uma ILPI, o primeiro ponto a ser levantado é a questão do afastamento do sujeito, institucionalizado do mundo exterior. A partir do momento em que o sujeito deixa a sua própria residência, não deixa de lado apenas seus bens pessoais, mas também significados de uma vida inteira, o que causa efeitos no emocional do idoso que precisa se adaptar a uma nova realidade. A vida passada deixa com ela lembranças, objetos, pessoas, e um tempo que não volta mais. E nesse contexto, há coisas que marcam muito a vida das pessoas, como, por exemplo, o espaço que ocupam, que diz muito do que são.

A instituição geralmente não está preparada para atuações que respeitem a individualidade, personalidade, privacidade e modo de vida dos idosos. A tendência é priorizar as necessidades fisiológicas (alimentação, vestuário, alojamento, cuidados de saúde e higiene), desprezando a especificidade da experiência de cada indivíduo. Fica claro que o idoso, ao perder (total ou parcialmente) as suas construções simbólicas, conseqüentemente sofrerá um corte com o seu mundo de relações e com sua história. (PIMENTEL, 2001)

Ao serem questionadas sobre o que compreendiam como cotidiano dos idosos, notou-se que apesar de haver uma preocupação com o bem estar dos mesmos, há ainda uma falta de atenção quanto a questões relativas a singularidade e toda as construções sociais e os laços que teceram durante suas trajetórias pessoais. Em seus relatos as gestoras dizem o seguinte:

G1 “[...] O cotidiano é um pouco diferente que o habitual (na sua residência) pois existem serviços auxiliares na questão de higiene, alimentação, vestuário e demais

componentes. É priorizado que o hóspede receba na instituição o cuidado e atenção mais próximo possível dos cuidados que recebia na sua residência.”

G2 “[...]Dois aspectos: o cotidiano imediato e o mediato, ou seja, aquele que tem a ver diretamente com a qualidade de vida e o bem estar do idoso (alimentação, saúde, higiene, etc) e aquele que diz respeito às demandas corriqueiras ou até mesmo esporádicas em relação a instituição ou ao local físico onde se encontra o idoso.”

A literatura aponta que a vida cotidiana é heterogênea em conteúdo e significação. Inúmeras atividades humanas compõem o dia-a-dia. Segundo Heller (2000, p. 18), “São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação”. O cotidiano traz em si a marca da singularidade do sujeito, e toma forma a partir de suas necessidades, valores, crenças e afetos. Nesse sentido, o cotidiano de cada pessoa é único e inigualável.

Cada idoso tem a sua história, suas experiências vividas, cultura, crenças entre outros fatores que o torna peculiar e único. Embora existam características e certos padrões de envelhecimento, cada pessoa passa por esse processo de maneira singular e individual, com suas particularidades físicas, emocionais, culturais, sociais e afetivas.

Para que seja possível criar estratégias que garantam a construção de um cotidiano que levem em conta as singularidades de cada sujeito é preciso que haja um olhar voltado para as especificidades de cada indivíduo, podendo assim compreendê-lo de forma abrangente, para tanto é necessário a coleta de informações do histórico clínico, história de vida, hábitos anteriores e atuais, história familiar e ocupacional além de particularidades dos idosos, desde o momento de sua chegada na instituição.

Em uma das narrativas, a gestora ao falar desse momento da chegada do idoso traz que: **G1** “[...] As informações dos hóspedes são coletadas através de uma anamnese realizada com o familiar responsável no ato da internação. São coletadas a história de vida, informações relevantes ao quadro clínico e psicológico”

Sem dúvidas essas informações são de grande importância, o familiar nesse momento inicial será crucial no esclarecimento das dúvidas em relação a instituição e em relação ao próprio idoso. Observa-se que a transição de vida do idoso de sua própria casa para a instituição pode vir carregada de insegurança, dúvidas e medos, de modo que poderá interferir de forma direta na clareza de todas as informações necessárias para ambos os lados, para idoso e seu familiar assim como para a instituição. Entretanto a história de vida deverá ser narrada exclusivamente pelo idoso, seguida de informações de seu familiar cuidador onde será

necessário criar um ambiente, em que os sujeitos envolvidos, se sintam acolhidos e seguros para expressar os sentimentos em relação a essa nova etapa de vida que estão prestes a enfrentar.

Em sua narrativa, a outra gestora se mostra mais específica, tendo um olhar maior em torno dessas informações e na forma como esse momento necessita ser conduzido, porém, relata ainda não ter vivenciado essa situação, visto que ainda não ocorreu a entrada de novos idosos desde que assumiu o cargo gerencial.

G2 “[...] esta análise, penso que deveria abordar todos os aspectos de vida do idoso, desde sua origem, filiação, cidade natal, costumes, bem estar até o porquê ter sido levado ao acolhimento em uma IPLI.”

Quando se busca um local para viver, a escolha é favorecida pela possibilidade da instituição não ser somente um abrigo, e sim de se aproximar, ao máximo possível, de um lar que acolha e assegure. Sendo assim, compete aos profissionais da ILPI manter seu ambiente, não somente o mais agradável possível à pessoa idosa, mas sobretudo com possibilidades reais de atender suas necessidades biopsicossociais. Por esta razão que se faz indispensável que as instituições estejam atentas a estas questões, e busquem conhecer seus residentes, a fim de que seja possível implementar e valorizar intervenções voltadas às pessoas idosas, conhecendo as repercussões da desconstrução e construção de seu cotidiano dentro do novo contexto.

3.3 INFLUÊNCIA INSTITUCIONAL

Há uma preocupação com os prejuízos que a institucionalização pode acarretar aos idosos, como a segregação, o tratamento igualitário e simultâneo para todos os residentes e um estado acentuado de controle, por isso cogita-se nas políticas públicas estimular a permanência desses indivíduos junto à família (TOMASINI & ALVES, 2007). Todavia, estar junto à família necessariamente não significa proteção, pois a negligência e os maus-tratos físicos, psicológicos, emocionais e morais da família contra o idoso não é um fato novo (PORTO & KOLLER, 2006). Ademais, o sentido de família para o idoso, conforme Bessa e Silva (2008), é de um lugar de proteção, acolhimento e segurança. Quando a família sai de cena por conflitos ou ausência, o idoso busca adaptar-se a esta nova realidade. Muitas vezes, procura nas ILPIs acolhimento e acompanhamento no seu cotidiano durante o envelhecimento. Assim sendo, a família do idoso passa a ser a própria instituição. Não obstante, a reintegração com o outro, acarreta uma significativa complexidade, tendo em conta a singularidade do idoso.

Em sua obra, O “morar” na velhice, Martines (2008, p. 25) explica:

Desses espaços, o que mais marca nossa vida – nossa identidade – é a casa; seus cômodos, cantos e labirintos. Entre nós e a casa – das mais simples às mais sofisticadas – temos lócus existenciais.

E acrescenta mais:

A casa não é um espaço indiferente; nela temos nossos “cantos prediletos”, espaços onde sentimos que somos mais “nós”. Espaços onde nosso “eu” experimenta o doce sabor de sermos alguém em um mundo onde reina a impessoalidade. Espaço de intimidade! (Martines, 2008, p.27)

Talvez isso explique a difícil adaptação de um sujeito em uma instituição, ter que se desfazer de tudo que tem significado para ele e, a partir daí, construir um novo significado para a vida, baseado na realidade do que ele é “velho”. Lima (2005, p. 15) ratificando Pimentel, diz que:

Ao longo de nossa vida, criamos hábitos, adaptamos e transformamos o nosso espaço, possuímos nossos objetos pessoais e construímos uma rede de relações. A nossa história é construída, a partir de todas essas construções simbólicas e, caso haja uma perda total ou parcial delas, para o idoso representa um corte com o seu mundo de relações e com sua história. Portanto, o idoso tem dificuldade em assumir aspectos da sua vivência, enquanto pessoa plena, isolando-se afetiva e socialmente, negando ou desvalorizando as suas capacidades

Todas essas mudanças no cotidiano do idoso, muitas vezes, trazem inúmeras perdas, especialmente o convívio diário com a família, um dos aspectos mais sensíveis aos idosos, quando passam a conviver em uma habitação coletiva, como é a instituição de longa permanência. Neste novo ambiente, eles precisam construir uma nova forma de viver, com regras, normas, horário, novos relacionamentos. Esse novo modo de vida, condicionado e determinado pelas instituições, acarreta algumas mudanças significativas no comportamento dos internos, podendo distorcer sua identidade, afetando sua individualidade. Segundo Lima (2005), os residentes constroem uma imagem interna que influencia suas práticas e condiciona à sua maneira de ser.

Ao serem indagadas sobre as suas preocupações de como e em quais formas a instituição influenciava nas vidas dos idosos, a gestora 1 ponderou a refletir sobre as estratégias que são realizadas, pela instituição, que faz com que os idosos recebam influências positivas. A gestora 2 narrou do modo como as influências, sejam elas boas ou ruins, afetam diretamente a vida e a

saúde do idoso, e como estes fatores podem estar relacionados com a qualidade do serviço institucional.

G1 “[...] *Manutenção de sua autonomia, independência, qualidade de vida, socialização, funcionalidade e bem-estar e lazer, como é desenvolvido, influenciará positivamente.*”

G2 “[...] *penso que a saúde como um todo (física, mental e espiritual) está diretamente relacionada com o modo pelo qual os idosos recebem as influências, sejam elas positivas ou negativas, no modo como a prestação do serviço assistencial é apresentada e desenvolvida para o idoso. Se o ambiente no qual está inserido o idoso zela pela qualidade do serviço, seriedade, compromisso e responsabilidade com o sujeito envolvido, as influências serão as melhores possíveis, no que diz com a qualidade de vida do idoso envolvido. Com certeza, a recíproca é verdadeira, do ponto de vista de influências negativas.*”

A dificuldade que o sujeito tem para se adaptar à realidade institucional pode acrescentar mudanças subjetivas decorrentes da padronização de todos os aspectos da vida, baixa influência e interação social, redução (ou mesmo perda) da capacidade funcional e a diminuição das habilidades cognitivas como a memória, o julgamento, a aprendizagem e a motivação (Mello, & Gresele, 2013).

A falta de controle sobre o ambiente e a falta de estímulos é compreendida como desencadeadoras do tédio, da ansiedade e da apatia (LEIME, LUNA, LEITE, & NETO, 2012). Goffman (2010) ressalta que vida padronizada e a falta de espaços de produção de subjetividade podem levar a um estado progressivo de ‘mortificação’ do eu, que suprime tanto a concepção de si mesmo quanto da cultura que traz consigo, originárias de sua vida familiar e civil na sociedade. Deste modo, a pessoa idosa que antes de ser institucionalizada construía seu modo de vida em meio à sociedade, à família, a um ambiente produtivo e independente, com dinâmicas próprias, precisará reconstruí-la a partir do momento em que passa a residir em uma ILPI, desconstruindo-se e reconstruindo-se conforme a nova vivência, somado ao afastamento familiar e social, a limitação da produtividade, a ausência de perspectivas e submetido as regras e normativas dos profissionais e da própria instituição.

A institucionalização poderá tendenciar seus residentes a um modo de vida de valorização do coletivo perante o individualismo, pautando-se no estabelecimento de regras, na redução da rede social, do trabalho e da independência financeira, que levam a pessoa idosa não só a adaptar-se às mudanças de espaço físico, mas sim redefinir o planejamento e a estruturação de sua vida de forma repentina. Assim, tal processo pode provocar, no idoso, grandes modificações do ponto de vista pessoal e do seu papel social. Essa transformação, por

vezes drástica, é marcada pela perda da autonomia, pelo abandono dos filhos, pela ansiedade quanto à condução do tratamento pela equipe de saúde, além da aproximação da morte, entre outros sentimentos e situações específicas.

Em certos casos, alguns idosos, sentem que têm uma imagem tão desvalorizada, que aceitam agir de acordo com esta; além disso, o idoso é estigmatizado e acaba por interiorizar e aceitar a marca que os outros lhe atribuem. Esse espaço que é a ILPI, por motivos significativos e pela maneira de como é gerido em seu cotidiano, faz os idosos, seus residentes, se sentirem como não pertencentes ao espaço onde vivem, contrariando o sentido de comunidade. Os residentes acabam vivendo num mundo à parte, em que perdem sua individualidade, entram em um processo de isolamento, do que resulta um mundo sem significado pessoal. Entendendo a importância do fazer algo na vida desses idosos como fundamental para sua autoestima, acreditamos que as instituições precisam desenvolver atividades que levem essas pessoas a se sentirem úteis e “vivas”. Sabemos dos efeitos benéficos das atividades nas suas diversidades para a satisfação humana, pois viver requer movimento, ação, execução e fazer. Sendo este um novo caminho para se refletir sobre as instituições para idosos de nosso país.

3.4 AÇÕES DESENVOLVIDAS PELA INSTITUIÇÃO

Pensando na trajetória histórica das instituições, em seu desenvolvimento e nos significados construídos no decorrer do tempo até chegar ao que elas são hoje, passamos a entender o fato de estarem ligadas à ideia de “rejeição”. Historicamente, sabe-se que o foco principal dessas instituições era a alimentação e a habitação no atendimento aos idosos. A sua fundação resultava mais de projetos pessoais do que institucionais, a partir de pessoas em sua maioria religiosas. A filosofia, desse modo, era “fazer para os idosos” e não “fazer com os idosos”. Ainda que a comunidade fornecesse os recursos para sua manutenção, não havia participação, interação, enfim, a realidade dos internos era pouco conhecida e compartilhada. Os asilos eram locais destinados a pessoas oriundas de famílias carentes, frequentemente abandonadas por seus familiares, sem recursos ou qualquer apoio da sociedade (LAFIN, 2004).

Born e Boechat (2002) concordam que falar de idoso institucionalizado é fazer referências a imagens negativas (relacionadas à tristeza e ao abandono) associadas a entidades que o abrigam, para os quais a denominação “asilos” continua em uso ou se encontra atenuada na expressão “instituição asilar”.

Atualmente, existem vários modelos de casas de atenção à idosos. No Brasil, é possível vislumbrar três tipos principais de instituições asilares: as filantrópicas, as privadas e as governamentais. As instituições de longa permanência para idosos de caráter filantrópico, ou

seja, sem finalidades lucrativas, são aquelas que têm suas despesas fomentadas pelo idoso que lá reside e também por doações de vários segmentos da sociedade. A maioria das instituições asilares brasileiras é filantrópica. O segundo tipo mais frequente de instituição de longa permanência para idosos é a de caráter privado. Estas são as que mais crescem no nosso país, principalmente nas regiões sul e sudeste. E por fim existem as instituições asilares mantidas pelo governo, ou seja, governamentais. Estas são a minoria e existem poucas em relação às filantrópicas e privadas. (SCORALICK, 2013)

Para dar garantia de um bom funcionamento e desenvolver ações que diminuam estas características negativas que marcaram a história, e proporcionar um tratamento de qualidade para os idosos institucionalizados, as ILPI's passaram a seguir normas e regulamentos específicos. As normas técnicas para o funcionamento das casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento de idosos, consta na Portaria n°. 810 de 22 de setembro* de 1989 (BRASIL, 1989). Posteriormente, a legislação vigente da RDC no. 283 de 26 de setembro de 2005, estabelece os critérios mínimos para o funcionamento dessas instituições (BRASIL, 2005)

Contudo, com todas as mudanças ocorridas na sociedade, gerando uma maior expectativa de vida, novas formas de organizações, essas instituições passaram a receber mais foco de atenção, passaram por uma reestruturação, de forma que muitos passaram a ser geridas de forma mais competente e humana.

Ao serem questionadas sobre as ações desenvolvidas pela instituição que contribuem para um cotidiano mais significativo para os idosos, as gestoras demonstraram um cuidado e uma atenção redobrada quanto a essas questões, demonstrando uma prática que passa longe das historicamente desenvolvidas, tendo agora um caráter inovador e humanitário, que visa a singularidade dos idosos como um caminho para uma melhor qualidade de vida dentro e fora dos muros institucionais.

G1 “[...]São realizadas ações pautadas no desejo de cada indivíduo, atividades realizadas em grupos e individuais, passeio externos e acompanhamentos visando sempre a manutenção das atividades rotineiras.”

G2 “[...]Eu diria que além das ações obrigatórias decorrentes da prestação do serviço oferecido, a humanização no trato nas relações, desponta como a ferramenta de maior significado na vida do idoso dentro da instituição. Tratá-lo como um ser humano merecedor de respeito, consideração, dignidade e acima de tudo amor e afeto em todas as atividades e ações desenvolvidas no cotidiano do idoso, agregam significado extremamente positivo e recompensador para o desenvolvimento de um cotidiano saudável e feliz na vida do idoso.”

Ao pensar sobre essa reestruturação das instituições, algumas propostas podem ser colocadas, como, por exemplo, a de incluir atividades que despertem o interesse dos idosos, contrariando uma das características de caráter negativo sobre aquele lugar, é preciso reverter isso em práticas que preencham o tempo ocioso de seus moradores. Pensando em um novo fazer para o cotidiano desses idosos, Lima (2005, p.18) explica:

A atividade do fazer humano é essencial ao equilíbrio físico, psicoemocional e sócia do idoso, na medida em que favorece o continuar vivendo, mesmo que fatos negativo possam interpor-se ao processo de envelhecimento. Estimula-o a continuar a fazer planos, estabelecer os contatos sociais, tornando-o ativo, participante de sua comunidade, autônomo, aos olhos da sociedade, um velho sem o estigma de velho.

O fazer no processo de envelhecimento dará ao idoso um suporte para novas criações, como também um melhor enfrentamento no processo de envelhecimento, fortalecendo a autoestima. Seria viável pensar em formas de reestruturação das instituições, com o intuito de atender melhor esses idosos. Pensar a vida em comunidade, como forma de minimizar a exclusão social principalmente dos idosos, é uma questão que precisa ser refletida pela sociedade. Assim, Mercadante (2002, p. 24) propõe:

Pensar na vida em comunidade, principalmente para o segmento idoso implica em ampliar a sociabilidade, no sentido de transformar espaços privados, restritos à esfera familiar, em públicos e, certamente, também mais democráticos

Sobre os modos de novas organizações, a mesma autora sugere:

Pensar sobre lugares, novas organizações como um arranjo social para os idosos d sociedade brasileira deve fazer parte do rol de soluções planejadas para a inclusão do envelhecimento populacional como questão fundamental, que implica a elaboração de novas políticas, o desenvolvimento de questões científicas a serem investigadas e, especialmente, apresenta-se como questão a ser analisada, refletida e vivenciada pela sociedade em geral (Mercadante, 2002, p. 26)

Em uma das narrativas a G1 trouxe a importância da continuação de grupos terapêuticos que visem a manutenção das capacidades cognitivas e funcionais dos idosos na instituição, através de práticas que siga estimulando o fazer humano as produções de vida do sujeito, sendo essas ações importantes para o seguimento de uma gestão de maior qualidade.

G1 “[...]atendimentos e grupos terapêuticos, momentos de socialização e interação, estimulação da autoestima, lazer, manutenção de habilidades cognitivas funcionais, são ações

que devem sempre continuar em desenvolvimento, estimulando e tornando os idosos pessoas mais ativas em suas atividades.”

Heller (1977) traz que o cotidiano é o lugar da repetição, do concreto, da experiência vivida. Constitui também um espaço de transformação, pois é nele que ocorrem as relações sociais que se articulam à produção e à reprodução, o banal e o importante, o privado e o público, em que a vida cotidiana é o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares, os quais por sua vez, criam a possibilidade de reprodução pessoal

Estas instituições precisam de vida, dinamismo, a partir da energia que venha da vontade do fazer tanto do residente quanto do profissional. Para que isso seja viabilizado, eles têm que investir na qualificação dos funcionários, voluntários e diretores, além de se certificar do real desejo de todos pela área de atuação. Este seria o primeiro passo para gerar a dedicação e a vontade de fazer melhor, estabelecendo e favorecendo, com isso a participação e interlocução dos residentes, portanto, aumentando as possibilidades do fazer.

Por esta razão que devem serem implementadas prática de intervenções mais assertivas que promova a proximidade entre pessoas idosas e equipe, bem como o resgate da individualidade dessas. A individualidade é resgatada quando conseguimos apreender a realidade dos institucionalizados a partir de suas próprias perspectivas, reconhecendo aquilo que eles realmente esperam da ILPI.

Em uma narrativa, que tratava de sugestões quanto as ações que ainda precisam serem desenvolvidas pela instituição, a gestora 2, trouxe esses aspectos que envolvem envolvimento da equipe e de profissionais qualificados que compreendam o envelhecimento e todos os aspetos que envolvam a vida dos idosos.

G2 “[...]Penso que buscar pessoa (cuidadores) identificados com o propósito de primar pela melhoria do cotidiano dos idosos, é fator crucial para termos fortalecida a identidade do idoso na ILPI. Bons profissionais, identificados com perfis para o trato com o idoso e amor pela profissão, nos garantem idosos mais felizes e capazes de aceitarem o amor e o carinho dispensados a estes, tornando, assim, suas rotinas e cotidianos mais dignos e como sujeitos capazes de lidar com as adversidades da idade e da velhice. Acima de tudo, amor em todas as relações, resultam em idosos mais felizes.”

Assim, compreender o significado da vivência da pessoa idosa residente em uma ILPI possibilita ao profissional ampliação de conhecimento, seja referente às avaliações clínicas, aos diagnósticos ou às intervenções, tanto quanto na pesquisa, a fim de proporcionar segurança ao sujeito e melhorias na sua qualidade de vida. Para que isso seja possível a instituição tem que

“conhecer” cada residente, buscando ter em mãos uma avaliação individual de suas capacidades, necessidades e interesses. Para, em seguida, conjuntamente, analisar os fazeres a serem desenvolvidos, adequando-os conforme a capacidade, disponibilidade e interesse de cada residente. As falas dos idosos encontram-se impregnadas de valores e experiências adquiridas ao longo da vida de cada um e são eles que determinam profundamente sua maneira de perceber e entender os significantes ao seu redor.

É preciso, também, compatibilizar a vivência em comum com o respeito pela individualidade e privacidade de cada idoso. Esse é um dos desafios de ILPI's, haja vista que idosos moradores deste tipo de instituição são vulneráveis, pois historicamente, dentro da instituição, eram tidos como incapazes de decidir, reagir ou emitir parecer acerca dos fatos. (CREUTZBERG, GONÇALVES, 2010) Deste modo, é imprescindível procurar, de alguma maneira, resguardar a necessidade individual de momentos de isolamento e de manutenção de espaço próprio, e não ultrapassar esse espaço sem autorização, o que permite visualizar se é mais conveniente a utilização de dormitórios coletivos ou mais individualizados. Mas, para além do respeito a um espaço individualizado, é preciso compreender que se trata de um ambiente coletivo, sujeito a regras, tratando-se de um desafio compatibilizar o espaço coletivo com a necessidade de acompanhamento individual

Por fim, é indispensável promover a convivência social, através do relacionamento entre os idosos e destes com os familiares e amigos, com o pessoal do lar e com a própria comunidade, de acordo com os seus interesses. Essa é uma questão bastante delicada e amiúde decisiva, pois a regra é que o ambiente de convivência familiar esteja associado a interações sociais positivas, juntamente com um conjunto de hábitos e valores transmitidos genética e culturalmente, e que se refletem no modo de ser do idoso. Todavia, as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) são locais para residência coletiva nas quais pessoas com idade avançada buscam a proteção e o amparo que, frequentemente, não encontraram no seu ambiente familiar e social. (MICHEL, 2010). Por isso, a ILPI deve, na medida do possível, promover a participação dos familiares, ou pessoa responsável pela ida do idoso para a instituição, no apoio ao idoso, reparando, todavia, se este apoio contribuirá para o equilíbrio psicológico e afetivo do residente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento da população idosa e a diminuição da taxa de natalidade contribuem para que cada vez mais sejam necessárias instituições destinadas a acolher e abrigar pessoas dessa faixa etária. Embora seja vista pelo senso comum como patologia ou algo a ser evitado, o

envelhecimento é um processo inevitável e que demanda atenção especial em face das peculiaridades biológicas, psicológicas, políticas, culturais e sociais. Para este fenômeno, são cada vez mais necessárias instituições de longa permanência para idosos (ILPI's), que podem ser filantrópicas, privadas ou governamentais. Ocorre que boa parte das instituições de longa permanência resume seus cuidados no fornecimento de abrigo e alimentação, tudo isso com a disponibilidade de mão-de-obra barata e não habilitada tecnicamente para prestar tal assistência, o que pode repercutir negativamente na saúde e na qualidade de vida do idoso. As instituições geralmente são vistas de forma preconceituosa, acreditando-se que o ideal da pessoa idosa é conviver com sua família e sua comunidade, sendo a decisão de morar num asilo geralmente atribuída a alguma espécie de conflito familiar. As ILPI's normalmente não estão preparadas para serviços que respeitem a individualidade, personalidade, privacidade e modo de vida dos idosos, priorizando as necessidades fisiológicas e desprezando a especificidade da experiência de cada indivíduo. Gerir uma casa de idosos, na qual seja respeitada a individualidade e as peculiaridades de cada idoso demanda muito mais do que conhecimento técnico administrativo, mas também buscar subsídios onde a vida possa ter continuidade e não seja um “depósito” de seres humanos passivos esperando o momento do fim.

Assim, é de suma importância uma olhar mais atento dos gestores de Instituições de longa permanência e uma percepção cada vez mais aguçada quanto ao padrão de qualidade no atendimento institucional, que deve ser pensado a partir do destaque à individualidade e à história do idoso, na preservação de sua autonomia e privacidade, e no estímulo na manutenção dos vínculos, com a participação da comunidade e de sua família sempre que possível. Há muito preconceito e questionamentos quanto à institucionalização, o que torna essencial conjugar a excelência no atendimento e na assistência como todos os aspectos e peculiaridades. Embora se tenha consciência de que a absorção de todos esses requisitos não é tarefa simples num país em que o modelo filantrópico e assistencialista é o predominante, mas notou-se através dos relatos das instituições pesquisadas que está havendo uma mudança no olhar dos responsáveis por estes lugares e em suas narrações é possível visualizar, que apesar de todas as dificuldades evidentes, ainda é possível ser pensada e posta em prática uma gestão criativa e moderna que possa atender ao idoso proporcionando-lhe algo além do mínimo existencial de abrigo e alimento. Podendo assim, vir a fornecer meios para uma qualidade de vida, dignidade e, por consequência, a felicidade.

Conflito de interesse:

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC nº 283, de 26 de setembro de 2005. Regulamento técnico para o funcionamento das instituições de longa permanência para idosos. Brasília: ANVISA; 2005

BAUER M.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. 8 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BOECHAT, Norberto. Depressão no idoso. Aspectos clínicos. In: MONTEIRO, D. M. R. Depressão e envelhecimento. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. p. 37-44

BORN, T.; BOECHAT, N. S. A Qualidade dos Cuidados ao Idoso Institucionalizado. In: FREITAS, E. V; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORZONI, M. L.; ROCHA, S. M. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. P. 768-777

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 810, de 22 de setembro de 1989. Aprova normas e os padrões para o funcionamento de casas de repouso, clínicas geriátricas e outras instituições destinadas ao atendimento de idosos, a serem observados em todo o território nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 set. 1989. Seção 1, p. 17.297-17.298. Disponível em: <http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/cidadania/geido/legislacao/portaria_810_89.asp>. Acesso em: 10 jan. 2019.

CARVALHO, M. C. O conhecimento da vida cotidiana: base necessária à prática social. In: CARVALHO, M. C.; NETTO, J. P. **Cotidiano**: consciência e crítica. São Paulo: Cortez, 2000. p.17-63.

Ferreira, D. C. de O., & Yoshitome, A. Y. (2010). Prevalência e características das quedas de idosos institucionalizados. Brasília, DF: Revista Brasileira de Enfermagem, 63(6), 991-997. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n6/19.pdf>.

Ferreira, H. G., & Barham, E. J. (2011). O envolvimento de idosos em atividades prazerosas: Revisão da literatura sobre instrumento de aferição. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14, 579-590

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974. 312p

Gratão ACM, Vendrúscolo TRP, Talmelli LFS, Figueiredo LC, Santos JLF, Rodrigues RAP. Sobrecarga e Desconforto Emocional em Cuidadores de Idosos. *Texto contexto - enferm.* vol.21 no.2 Florianópolis Apr./June 2012

GRAEFF, Lucas. Instituições totais e a questão asilar. *Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 11, p. 7-26, 2005

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 121p.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). [homepage na internet]. Agências de notícias. 2012. [acesso em 23 maio 2019]. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade>>.

Lima, M.A.X.C. (2005). O fazer Institucionalizado: O cotidiano do asilamento. Dissertação de mestrado. São Paulo (SP): PEPGG/PUC-SP.

LIMA, S. **Participação social no cotidiano**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1983. 157p.

Martines, M.G.S. (2008). O “morar” na velhice: expectativas ente envelhescentes. Dissertação de mestrado. São Paulo (SP): PEPGG/PUC-SP.

MORAES, R e GALIAZZANI, M. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Ed. UNIJUI. 2007

NETTO, J. P. Para a crítica da vida cotidiana. In: CARVALHO, M. C.; NETTO, J. P. **Cotidiano: consciência e crítica**. São Paulo: Cortez, 2000. p.64-93.

POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO (BRASIL). LEI Nº 8.842 DE 4 DE JANEIRO DE 1994. BRASÍLIA; MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL/SAS; 1997

Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Instituição de longa permanência para idosos: manual de funcionamento. São Paulo, Biênio; 2002/2003.

XIMENES, M. A.; CÔRTE, B. Instituição asilar e seus fazeres cotidianos: um estudo de caso. In. Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v. 11, p. 27-50, 2005